

ECLOGA
DE
DURINDO, E FLORO,
POR
JOAÕ XAVIER DE MATOS,
ENTRE OS PASTORES
DA ARCADIA PORTUENSE
ALBANO ERYTHREO.



LISBOA.
NA OFFICINA LUISIANA.
ANNO M. DCC. LXXX.

Com licença da Real Mesa Censoria.

L 3016

J. 315

ECCLOGA

DE

DURINDO, E FLORO,

PER

JOÃO XAVIER DE MATOS

ENTRE OS PASTORES

DA ARCADIA PORTUGUEZA

ALBANO BRITTO.



LISBOA

NA OFFICINA LUISIANA

ANNO M. DC. LXXX

Uma licença do Real Alto Censorio



ECLOGA.

DURINDO, E FLORO.

I.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

A' FRESCA sombra de hum frondoso outeiro,
 Em que hũas aves cantam, e outras voam,
 As crySTALLINAS aguas de hum ribeiro
 Por entre pedras murmurando soam:
 Alli repouso o lasso passageiro
 Tem entre as flores, que o lugar povoam;
 Onde eu chegando de affrontado hum dia,
 No ardor da sêsta descansar queria.

A ii

II.

II.

Eis que ouvindo fallar confusamente ,
 Vejo no bosque , áquella parte olhando ,
 Dous Pastores de aspecto descontente ,
 Que estavam entre si de amor tratando :
 Busco hum lugar occulto em que me assente ,
 Em quanto passa a calma ; e alli notando
 Os gestos, e as palavras que disseram ,
 Conheci logo a meu pezar quem eram.

III.

Eram Durindo e Floro os dous Pastores ,
 Ambos mancebos , ambos abastados,
 Queixoso cada qual dos seus amores ,
 De quem ficáram sempre maltratados :
 Durindo , que inda frescos os rigores
 Sente por Sylvia , sem razãõ causados ,
 A Floro novamente os repetia :
 Eu os tomei de cór , e assim dizia :

IV.

IV.

Eis-aqui , Floro meu , o que homem tira
Desta cega paixãõ , que amor se chama ;
Tudo huma falsidade , huma mentira ,
Para enganar o peito de quem ama :
Quem tal nome lhe põe , erra, ou delira,
Ou nunca se queimou de amor na chama :
He sem razaõ amor , amor chamado ;
Taõ doce ouvido , taõ cruel tratado.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

IV.

Sylvia , Sylvia por quem morri de amores,
E a quem unicamente amei devéras,
Em rosto mais formosa do que as flores ,
Em coraçãõ mais dura do que as féras ;
Propoz-me os justos Ceos por fiadores
De vãas palavras , que eu julguei sinceras ;
Disse que outra paixãõ de amor não tinha ,
E por elles jurou que era só minha.

VI.

VI.

Eu nestas falsas mostras elevado,
 Cri facilmente o que lhe tinha ouvido:
 Pois qual he o fogeito namorado,
 Que sabe conhecer amor fingido?
 Pouco importa a experiencia do passado
 A quem já tem o coração rendido;
 Que ou já não lembra a dor, como acontece,
 Ou se alguma vez lembra, logo esquece.

VII.

Eu bem sabia a pouca segurança
 Que em fortuna e mulher fazer devia;
 Taõ natural em ambas a mudança,
 Como o fogo ser quente, e a neve fria:
 Que era o mesmo pôr nellas a esperança,
 Que semear sem fructo, me dizia
 O nosso Albano, de experiencias cheio,
 Em quem mil casos, mil exemplos leio.

VIII.

VIII.

Mas elle mesmo , que de ter se préza
Dos corações hum tal conhecimento ,
Que já não crê que possa haver firmeza
Em peito feminil ; se o juramento
Villè , que Sylvia fez , dou-te a certeza ,
Que tudo crêra , sem lhe ser violento ;
Pois desde que ha enganos nesta vida ,
Nunca a verdade foi taõ bem fingida.

IX.

Mas , Floro amigo , tudo vai da hora ;
Que home' haverá de tempera taõ dura ,
Que se não renda quando huma Pastora
Une á belleza a força com que jura ?
Ella suspira , e se he preciso chora ;
Ella pragueja , e dá-se á má ventura ;
Finge sentir paixões que não padece ,
E ainda em cima hum homem lho agradece.

XIX

X.

X.

Tal foi Sylvia comigo, Sylvia, aquella
Que huma vez, entre mil, que a amor faltára,
Arrepellou a trança loura, e bella,
Só por eu lhe dizer que me enganára:
Quiz-lhe pegar no braço, fugio com ella;
Fui para lhe fallar, voltou-me a cara:
Dei-lhe satisfações, como tu vias,
Naõ as ouvio, nem me fallou tres dias.

XI.

Era o motivo do meu justo enfado
Lelio Pastor, que mora nesse outeiro,
E de quem sempre andei desconfiado,
Desde que foi no baile seu parceiro:
Presumido de ser o mais prendado,
Naõ se tirou do campo o dia inteiro:
Dei a Sylvia hum remoque brandamente,
Que disfarçou; mas naõ ficou contente.

XII.

XII.

Passãram-se alguns dias , sem que a minha
 Desconfiança cá de mim passasse ;
 Porque o meu coração , como adivinha ,
 Nunca me prometteo , que me faltasse :
 Sylvia huma tarde que da fonte vinha ,
 Quiz a fortuna entãõ que eu a encontrasse :
 Perguntei-lhe por Lelio , e perturbada ,
 Fez-se vermelha , sem responder nada.

XIII.

Lembra-me que lhe disse : Por ventura ,
 Eu sou tigre ou leaõ que assuste a gente ?
 Usei d'alguma magica figura ,
 Para tolher-te a falla de repente ?
 Molles palavras , cheias de ternura ,
 Quaes costumam sahir de alma innocente ,
 Em resposta me deo , chorando tanto ,
 Que .. vi de todo suffocada em pranto.

B

XIV

XIV.

Soluçando parece que exhalava ;
Em hora extrema , de repente a vida :
Chamei por ella ; mas em vão chamava ,
Que em meus braços cahio amortecida :
O frio peito apenas lhe arquejava
Por signal só de que inda está com vida :
Agua lhe dei , que em casos taes conforta ;
E a si tornou a que eu julguei por morta.

XV.

Abrindo os olhos foi , e levantando
De meus braços a languida cabeça ;
Com suspiros palavras misturando ,
Com que melhor os seus enganos teça :
Por tal arte de novo me foi dando
O veneno a beber sem que o conheça ,
Que inda não satisfeita esta tyrana
De me enganar , terceira vez me engana.

XVI.

XVI.

No refalsado peito a mão formosa ,
No Ceo os olhos, arrazados de agoa,
C'hum gesto triste , c'huma voz piedosa ,
Capaz de encher mil corações de mágoa :
Entre outras cousas que fallou chorosa ,
Fingindo arder-lhe o peito em viva fragoa,
Delle tirou , e fez , sem que eu lho pella ,
Esta de amor phantastica promessa :

XVII.

Durindo meu , o Sol me não aquece ,
Senaõ he leve sonho o teu ciume ;
E quando amanhecer para a mais gente ,
Noite me seja contra o seu costume :
Senaõ está o meu animo innocente ,
Os visinhos caães me neguem lume :
O ar me falte , e a terra me falleça ,
Princípio que o teu nome e amor me esqueça.

B ii

XVIII.

XVIII.

Mais quiz dizer a falsa ; mas tremia
O chão com juras : mostro-lhe que estava
Com tal satisfação do que lhe ouvia ,
Que já da sua fé não duvidava :
Nas alvas mãos mil beijos lhe imprimia ,
E onde eu lhe punha a boca , ella as beijava ;
Doce artificio , delicado engano ,
Para mover hum fraco peito humano.

XIX.

Vinham as aves já buscar seu ninho ;
E nos curraes se recolhia o gado :
Della me despedi , e alli sózinho ,
Em quanto a pude ver , fiquei parado :
Tomei, como costume , outro caminho ,
Entregue , como sempre , a meu cuidado ;
Porém de tanto gosto satisfeito ,
Não me cabia o coração no peito.

XX.

Inda não são quatorze Soes passados ;
 Que ouvira o Ceo aquelles fingimentos ,
 De que inda os valles concavos lembrados ,
 Repetem hoje os ultimos accentos :
 Inda por estes troncos , entalhados
 De fresco estão de amor os juramentos :
 Delles se lembra o valle , e o monte rudo ;
 Sómente Sylvia se esqueceo de tudo.

XXI.

Lelio he que lembra ; Lelio , sem valia ,
 Lugar de novo em seu favor merece :
 Acabáram memorias de algum dia ;
 Lelio he que lembra ; só Durindo esquece :
 Já para o seu casal , como sohia ,
 Não vou pelos serões ; e se acontece
 Lá ir alguma vez , pois vou contigo ,
 Bem sabes se he verdade o que te digo.

XXII.

XXII.

Oxalá , meu Durindo , que o não fora !
Floro lhe disse , que atélli callado ,
Ouvindo esteve da infiel Pastora
O vil procedimento , em vão contado :
Triste o que crê nas lagrimas que chora
Peito sempre a chorar acostumado :
Lagrimas de mulheres sempre foram
Lagrimas que de Inverno as pedras choram.

XXIII.

Que o lobo enganador mate á traição
A inculta ovelha , dentro em seu curral ;
Que a hum leão faça guerra outro leão ;
Hum tigre a outro tigre ; he natural :
Mas que a mulher , dotada de razão ,
Seja o nosso inimigo capital !
Parece isto castigo , que nos vem
Da culpa só de lhe quereremos bem.

XXIV.

XXIV.

Sylvia , se bem te lembra , eu sempre disse
 Que não era capaz de ser constante ;
 Não porque eu o soubesse, ou porque o visse ;
 Mas por certo signal do seu semblante :
 Não he ella mulher que me enfeitisse ,
 Que eu ouvi huma vez a hum caminhante ,
 Que mulher presumida , indaque bella ,
 Ha de ser falsa , e que fugissem della.

XXV.

Quanto mais , não tem Sylvia formosura ,
 Que nos faça espantar. A minha Altéa ,
 Assim ella guardasse fé mais pura ,
 Foi a melhor que passou na Aldéa :
 Amor he como o medo , que figura
 Maior a cousa que nos vem á idéa:
 Deixa de amar a Sylvia rigorosa ,
 Que se ha de de parecer menos formosa.

XXVI.

XXVI.

Pastora loura , de jasmins toucada ,
 Olhos da côr do Ceo , caraõ de neve ,
 Nem sempre he para mim a mais prezada ;
 Busco outras cousas em que mais me eleve :
 He a graça que tem , graça emprestada ;
 Que lha póde tirar , porque lha deve ,
 Com qualquer accidente a natureza ;
 E eu sem virtude nunca achei belleza.

XXVII.

Seja a Pastora de ordinario gesto ,
 Ou baile mal , ou bem ; cante , ou não cante ;
 Com tanto que me inculque hum ar modesto ,
 Huma alma pura , hum coração constante :
 Dá-ma cá tu assim , que eu te protelto ,
 Que outras despreze de gentil semblante ;
 Que só trabalhe por servi-la , e vella :
 Mas com taõ raras condições , que he delia .

XXVIII.

XXV. II.

Já ouvia o Pastor de má vontade
 Estas sábias razões ; porque he bem certo ,
 Que nem sempre os dictames da verdade
 Acham n'hum coração caminho aberto :
 Ouão facil he tomarmos liberdade
 Para notar alheio desconcerto !
 Não he assim , se por acaso erramos ,
 Que mil desculpas promptamente achamos.

XXIX.

Lança Durindo mão do seu cajado ,
 Quer levar tar-se ; e no çurraõ lhe pega
 Floro , que estava junto do seu lado ,
 Que com estas palavras o socega:
 Adonde vás , Pastor defatinado ?
 Tu tens razão , ninguém razão te nega ;
 Pois quando a dor he grande, a queixa he justa;
 E eu soube quando amei o que amar custa.

C

XXX.

XXX.

Se estas minhas palavras té offendêram ,
 Crê-me , Pastor , que eu tal tenção não tinha :
 Teus amargos queixumes me fizeram
 Dar-te aqui mais razões do que convinha :
 Tyrannias de amor me endurecêram
 O peito á custa da desgraça minha :
 E oxalá , que inda o tempo calejasse
 De fórma o teu , que nunca mais amasse !

XXXI.

Traz-me de dor o coração cortado
 Ver-te andar cheio de hum pezar interno ;
 A's penas de hum ciume condemnado ,
 Que são cá nesta vida hum vivo Inferno :
 No calmoso Veraõ , do Sol queimado ,
 Roxo de frio no rigor do Inverno ,
 Tudo para servir huma Pastora ,
 Que sabes , inda mal , que te he traidora

XXXII.

XXXII.

Em Lelio esta tyranna que acharia,
Que tu não possas dar com mais fartura?
Se ella grandes searas pertendia,
Quem lança á terra tanta semeadura?
Se muito gado, quem mais grosso o cria?
Se mel, quem mais colmêas? Se espessura,
Quem mais campos áquem e além do Tejo,
Que tu para fartar-lhe o seu desejo?

XXXIII.

Senaõ sojigas touros, senaõ lutas;
Prendas mais racionaveis exercitas:
Tenha Lelio taõ barbaras disputas,
Que tu de moderado te acreditas:
Feitos de huma alma grande he que executas,
Nem de fazer apostas necessitas;
E se vâs dar a Lelio hum grande salto,
Naõ tens desejos de subir mais alto.

XXXIV.

Quem sobre os nossos míseros Serranos
Mercês espalha de maior valia ?
Que dera Lelio a Sylvia em muitos anos,
Que tu não possas dar-lhe em hū só dia ?
Quem mais que tu lhe perdoára enganos,
Se enganos se perdoam ? Quem seria
Mais capaz de passar por seu mandado
Altos montes a pé , rios a nado ?

XXXV.

Pois a querer fallar em gerações ,
Pestoque amor a todos faça iguaes ,
Mais de trinta Cajados , e Çurrões ,
Podias pendurar nos teus casaes ;
'Todos como legiões Brazões
De teus Avós , antigos Maioraes ;
Que os formosos rebanhos , que criáram,
Nestas longas campinas te deixáram.

XXXVI.

XXXVI.

Mas foi, Durindo, amor contigo escaço ;
 A'quelle o premio dá, que este merece ;
 Defordem tal, que della já não faço
 Reparo algum maior, quando acontece.
 Assim Floro fallou ; e hum grande espaço
 Correo sem que Durindo respondece ;
 Que pensativo sobre o seu desgosto,
 Disse depois, alevantando o rosto :

XXXVII.

Cada vez que revolvo na cansada
 Memoria minha os males que hei soffrido
 Por Sylvia, tanta noite mal gastada,
 Tanto tempo por Sylvia em vão perdido
 Ora de pó coberto pela estrada,
 Ora taõ mal dos ares defendido ;
 E isto tudo por quem ? Por huma féra,
 A quem amára mais, se mais pudéra ;

XXXVIII.

XXXVIII.

Custa-me esta lembrança tal tormento ;
Que eu de boa vontade trocaria
Por cada instante só de esquecimento
Mil horas de prazer , e de alegria :
Mas este meu teimoso pensamento ,
De noite em sonhos , em visões de dia ,
Qual de enfermo já fraco , e delirante ,
Cousas que nunca vi me põe diante.

XXXIX.

Ir pôr n'outra Pastora o meu sentimento
Já quiz , só para ver se esta me esquece ;
Porém o coração de perfeitido ,
Para logo este engano em mim conhece :
Deixa-me da eleição arrependido ,
Pois nenhuma com Sylvia se parece :
Assim me anda dizendo a toda a hora ,
Que já não pôde ser de outra Pastora.

XL.

Bem fei que á minha fé, taõ limpa , e pura,
Deo taõ mao galardão , qual eu te digo;
Mas quem razãõ e amor juntar procura ,
Quer ver o lobo do cordeiro amigo :
Só se governa amor pela ventura :
Vê que contrarios tem guerra comigo?
Que levam ambos, a feu jugo atados ,
Bastões , e sceptros , quanto mais cajados.

XLI.

Fallem , digam de mim os mais Pastores ,
Que me fez Sylvia a fabula da gente ;
Que sou de pedra , pois naõ sinto as dores ,
Que talvez inda hum bruto animal sente :
Mas torne ella a chamar-me os seus amores ,
Ponha-me os olhos outra vez contente ,
Diga que he minha, aindaque a naõ crêa ,
Que e' me rir de que murmure a Aldêa.

XLII.

XLII.

Inda produziráo o campo, e o monte ,
Lindas e freíscas flores abundantes ,
Para enfeitar-lhe a delicada fronte
A toda a hora , a todos os instantes :
Levar-lhe-hei a beber o gado á fonte ,
Como lhe costumava fazer d'antes ;
E da mais fina lãa dos meus cordeiros
Dar-lhe-hei para vestir trinta roupeiros.

XLIII.

Eu soube ha pouco tempo onde ha dous ninhos
De pardas rolas ; ambos ferao della :
Carpindo achei sem penna inda os filhinhos ;
Signal lhe puz para maior cautella :
Ficam aqui de nós muito visinhos :
Olha , repara bem : vês tu aquella
Moita de estevas , de alecrim cercada ?
Pois estao logo ao pé ; não digas nada.

XLIV.

XLIV.

Ella bem sabe as vezes , que trepado
Por estas altas arvores colhia ,
Para lhe dar do fructo fazonado
Nos cestinhos de junco , que eu tecia :
Que se andava no fouto , ou no montado ,
As azinhas bolotas lhe trazia ,
Com as longaes castanhas misturadas ,
A tres , e tres , no ramo feu pegadas.

XLV.

Sabe que a minha vacca côr de ferro ,
Mais valente que as outras da charrua ,
Anda prenhe ; e se as contas lhe não érro ,
Talvez que seja o parto inda esta Lua :
Ou seja de novilha , ou de bezerro ,
A cria que parir ha de ser sua :
A Sylvia a prometti ; hei de eu levá-la ;
E se ella a não quizer venho matá-la.

D

XLVI.

XLVI.

Inda não estou de amar arrependido ;
 Tenho maiores cousas que lhe offreça,
 Se ella mas merecer ; porém duvido ,
 Que inda estas tão pequenas me mereça :
 Isto he que trago sempre no sentido ,
 Sem ser possível que esta dor me esqueça :
 Frio de fusto , e de temores cheio ,
 Humas vezes confio , outras receio.

XLVII.

Nada te conto que o não saiba a gente ,
 Quanto mais tu , de meus particulares
 Guarda fiel , depósito innocente,
 Desde que herdei estes paternos lares :
 Fallo só por fallar , não porque intente
 Achar algum allívio a meus pezares ;
 Que eu sei que a causa delles he tão forte ,
 Que só tivera por allívio a morte.

XLVIII.

XLVIII.

He natural defejo de quem pena ,
Contar seus males , como eu fiz tégora ;
Naõ porque fique a mágoa mais pequena ,
Mas por hum naõ sei que , que a gente ignora :
Antes , talvez , hum homem se condena
A sentir mais , quando seus males chora :
Taõ custosa experiencia anda comigo ,
Que os meus renovo cada vez que os digo.

XLIX.

Saiam desta alma triste os magoados
Suspiros que de amor foram nascidos ;
E por aquella por quem saõ causados ,
Sejam de novo por meu mal ouvidos :
Vaõ de os ouvir attonitos os gados
Correndo sem Pastor , como perdidos :
O rio seque , as aves emmudeçam ;
Todos os males com meus males creçam.

D ii

L.

LIX

Ah Durindo , Durindo ! (meneando
 A cabeça o bom Floro lhe tornava)
 Sei o que passa hum coração amando ;
 Que eu passei pelo mesmo quando amava :
 Depois que ha tempos para o Ceo voando
 Fugio o santo amor , que aqui reinava ,
 Entrou a falsa fé; e o seu veneno
 Foi corrompendo tão feliz terreno.

LI.

Ditosos tempos em que os homens vinham
 Da Corte para os campos que lavravam ;
 E a fé que os corações de lá não tinham,
 Nos nossos limpos corações a achavam:
 Dando huma vez palavra , a fé mantinham
 As singelas Pastoras quando amavam ;
 Mas hoje desta candida innocencia
 Não ha mais que hũa casca , hũa apparencia.

LII.

LII.

Em fim , contamináram-se os Pastores ,
Estendeo-se este mal por toda a terra ;
Nem val fugir , que adonde quer que fores ,
Mil dobradas tenções te faraõ guerra :
Naõ tem mais segurança em seus amores
As Pastoras do valle , que as da ferra ;
Nem saõ estas peores do que aquellas ,
Que para mim saõ Sylvias todas ellas.

LIII.

Tu verás , se mais hora , menos hora ,
Naõ he Lelio parceiro em teu desgosto ,
Pois já ouvi dizer que esta Pastora ,
Se algum favor lhe faz , lho lança em rosto :
Que dentro em pouco tempo lhe he traidora ,
Quarenta cabras , contra huma aposto ;
Mas fica Lelio assim defenganado ,
Sylvia mais conhecida , e tu vingado.

LIV.

LIV.

Destá sorte a fallar continuavam
Nas femrazões de amor: eis que latiam
Anelantes podengos, que buscavam
Mal feridos coelhos, que fugiam:
Pelos visinhos valles resoavam
As vozes dos monteiros, que os seguiam;
E assim se interrompeo nos dous Pastores
O fio á narraçã dos seus amores.

LV.

Já declinava o Sol, e do Horizonte
Huma sonora viraçã corria,
Que pelos ramos do escaldado monte,
De folha em folha murmurar se ouvia:
Elles foram passar do rio a ponte;
Eu tomei o caminho que seguia,
Pedindo ao Ceo, que amor me deparasse
Melhor estrêa, se algum dia amasse.

F- I M.

*Achar-se-ha esta Ecloga na Loja da Impres-
saõ Regia na Praça do Commercio debaixo da
Arcada , como tambem na da Viuva Bertrand,
e Filhos , junto da Igreja de Nossa Senhora
dos Martyres , e na de Francisco Mallen , de-
frente do Chafariz do Loreto.*



Abdruck der königl. Bibliothek in Leipzig
für die Königl. Bibliothek in Leipzig
Abdruck, wie auch in der
e. Kaiserl. Majestät. d. Kaiserl. Hofbibliothek
des Kaiserl. Hofes, in der Kaiserl. Hofbibliothek,
fronte der Kaiserl. Hofbibliothek.

BIBLIOTHECA
18
9 JUN 9
41
MUSEUM